

O

número XXX (2015) da *Revista de Italianística* reúne trabalhos selecionados de pesquisadores que trabalham dentro e fora do Brasil e abordam, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, temas relativos à língua e à cultura italianas, unidos pelo interesse comum em torno das pesquisas na área de Italianística. Há, entre as abordagens presentes na revista, questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem do italiano como língua estrangeira, discussões acerca do papel do léxico na língua e aspectos específicos de um olhar sobre os estudos linguísticos que se move entre língua, identidade e dialetos.

O artigo que abre este número é de autoria de **Paolo Torresan** (doutor pela Universidade Ca' Foscari de Veneza) e se intitula *Distrattori e chiavi in un cloze lessicale a scelta multipla di livello avanzato: l'opportunità di considerare il giudizio di nativi esperti*. O estudo foi realizado com dois grupos de falantes nativos de italiano com um elevado grau de conhecimento da língua, aos quais foi pedido que realizassem dois *cloze* lexicais de múltipla escolha, extraídos do exame de nível avançado da Certificação do italiano como língua estrangeira da *Università per Stranieri di Siena* (CILS). As respostas demonstram ser divergentes em relação às previstas pelos responsáveis da certificação, o que leva a discutir sobre quais seriam as formas mais adequadas de validar o teste para garantir que possa avaliar o que se propõe.

No texto “A compreensão oral em softwares didáticos de língua italiana como língua

estrangeira avaliação e design de atividades” de **Rômulo Francisco de Souza** (doutor pela Universidade de São Paulo) o tema ainda é o italiano L2, mas a perspectiva é a do ensino. A pesquisa apresentada trabalha, em especial, a partir da perspectiva da compreensão oral, indispensável para que o aprendiz desenvolva a capacidade de interagir face a face, e visa a avaliar softwares de autoaprendizagem do italiano como língua estrangeira. O pesquisador analisa os percursos didáticos adotados, baseando-se na verificação da presença de fases consideradas essenciais (pré-escuta, escuta e pós-escuta) e conclui que, entre os softwares que compõem o *corpus*, apenas um organiza seus percursos didáticos de compreensão oral, levando em conta a necessidade de oferecer aos aprendizes diferentes momentos de contato com os textos orais.

Os artigos que seguem apresentam pesquisas voltadas para a cortesia linguística nos atos de fala. Na perspectiva da Pragmática cross-cultural, os textos refletem sobre as relações entre língua e cultura e sua importância para a comunicação. Duas pesquisas realizadas no Brasil comparam ações linguísticas e percepções de italianos e brasileiros. O terceiro texto parte de reflexões teóricas que aplica a exemplos em italiano.

O primeiro texto, de autoria de **Bruno N. R. De Melo Rocha, Melissa Cobra Torre e Heliana Mello** (Universidade Federal de Minas Gerais), investiga as estratégias de cortesia do português brasileiro e do italiano no ato de fala da “recusa a pedidos”. Os autores observam, através da análise de questionários, as evidências de uma tendência comum entre italianos e brasileiros na realização de uma recusa, pois todos se servem de respostas atenuadas e justificativas falsas como estratégias de cortesia. Os pesquisadores compararam a realização da recusa a pedidos a partir de categorias como idade, grau de formalidade, hierarquia e relação profissional, verificando a presença de diferenças estatísticas, o que faz pensar na importância de continuar os estudos, inclusive acrescentando também outras línguas na comparação.

Na mesma linha de pesquisa, o artigo de **Mayara da Silva Neto e Elisabetta Santoro** (Universidade de São Paulo) visa a identificar de que modo a cortesia linguística em pedidos em italiano é percebida por brasileiros e italianos, a partir da avaliação de vídeos gravados por falantes nativos. Em seu estudo, as autoras compararam quatro grupos de informantes: (a) brasileiros que estudavam italiano há menos de dois anos; (b) brasileiros numa fase mais avançada do seu contato com a língua; (c) italiano que moram na Itália e (d) italiano que moram no Brasil. Além dos diferentes níveis de cortesia atribuídos, procura-se na pesquisa também investigar as possíveis motivações para disparidades ou semelhanças nas percepções de brasileiros e italianos. Uma de suas conclusões é que os dados mostram, com poucas exceções,

fortes analogias entre as percepções de italianos e brasileiros, em todos os grupos estudados.

Em torno de um tema semelhante, **Eva Klímová** (*Universidade da Silésia em Opava*) apresenta um estudo sobre alguns aspectos pragmáticos do enunciado em situação comunicativa. A autora discute a importância de considerar os interlocutores e sua relação, a finalidade de interação e também o contexto extralinguístico, demonstrando que, para alcançar os objetivos comunicativos que se propõem, os participantes precisam respeitar os princípios que regem a comunicação: o princípio da cooperação e o princípio da cortesia. Ter consciência do funcionamento da comunicação determina, dessa forma, a escolha das estruturas linguísticas em uma situação concreta, tanto em uma única comunidade de fala, quanto no caso em que entram em contato duas ou mais línguas e culturas.

O foco muda com o artigo de **Manuela Lunati, Luciana Lanhi Balthazar e Paula Garcia Freitas** (*Universidade Federal do Paraná*) que apresenta a difícil relação existente entre a língua italiana padrão e os dialetos que influenciam a educação linguística dos italianos na Itália, mas também fora dela. Para identificar os principais traços da política linguística italiana, no texto são analisados leis, projetos de lei, decretos, programas escolares oficiais e declarações de agentes políticos e sociais, que revelaram qual é o papel atribuído aos dialetos ao longo do tempo e como se transforma a maneira de considerar sua presença na educação e na escola. A partir da unificação da Itália, foram identificados quatro momentos: (i) os anos logo após a unificação; (ii) o fascismo; (iii) do segundo pós-guerra até 2009; (iv) de 2009 a hoje. No final do artigo, são colocadas reflexões sobre a atual situação linguística italiana e sobre a necessidade de considerar o fenômeno migratório e suas consequências na realidade linguística italiana.

Trata de questões ligadas à presença de mais de uma língua e à complexidade que disso resulta também o texto de **Fernanda Ortale, Giliola Maggio e Paola Baccin** (*Universidade de São Paulo*), que expõem parte da pesquisa desenvolvida a partir de um relato da situação linguística de bilinguismo de um núcleo familiar de imigrantes italianos radicados no Brasil desde 1957. As autoras analisam os dados, coletados a partir de entrevistas, e refletem sobre a construção de identidade no contexto dessa família, baseando-se no conceito proposto por S. Hall (1997). Após apresentar um breve quadro da situação da imigração italiana no Brasil, as autoras observam a construção de identidades, verificando que o bilinguismo se configura pela presença de duas variedades: o dialeto italiano de Campobasso e a variedade do português, adquirida através do contato oral.

Por fim, o texto de **Cynthia Vilaça** (*Universidade Estadual do Rio de Janeiro*), com o qual

se encerra esta edição, traz uma análise do uso feito pelos acadêmicos da Crusca do tratado do *Livro Dell'Abate Isaac di Siria*, que serviu como fonte de abonações para a elaboração do *Vocabolario degli Accademici della Crusca*, renomada obra lexicográfica italiana. A autora baseia-se na discussão de Bechara sobre os erros de linguagem e os critérios utilizados para elaboração da norma culta para mostrar, a partir de exemplos, de que maneira foram realizadas seleções e escolhas. Após se perguntar o que era relevante para legitimar uma forma como culta, correta, pura, a autora conclui, a partir da pesquisa realizada, que o critério, de fato, determinante para a inclusão ou manutenção de lexemas no *Vocabolario* era a forma em si.

Agradecemos aos autores que colaboraram para manter a qualidade da *Revista de Italianística*, que, também nesse número, continua oferecendo perspectivas variadas, mostrando que é possível olhar de muitas maneiras diferentes para o mesmo objeto de estudo. Agradecemos também aos pareceristas e a todos que trabalharam para chegarmos ao resultado que podemos agora apresentar.

Nossa convicção é que os trabalhos trazidos aqui poderão subsidiar novas pesquisas e contribuir para que professores e pesquisadores continuem refletindo sobre a língua e seu papel, sobre o contato entre duas ou mais línguas e culturas e sobre um ensino de línguas que leve em conta essa complexidade.

Boa leitura!

Angela M. T. Zucchi, Elisabetta Santoro e Olga Alejandra Mordente